

ENTRE TREVAS E LUZ: A LOUCURA DE BERTHA MASON EM JANE EYRE, DE CHARLOTTE BRONTË

Ma. Débora Lorena Lins¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Deeh.lorena@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise de como a loucura é representada dentro do romance vitoriano, Jane Eyre, de Charlotte Brontë, a partir da personagem Bertha Mason. Neste, atentaremos para o modo como a personagem considerada como louca é tratada (metaforicamente e clinicamente) e como é vista por aqueles que o cercam. Para tanto, o trabalho bebe nas fontes de Michel Foucault acerca da história da loucura, bem como de Brandão e Branco, acerca da mulher no universo da loucura.

Palavras-chave: Loucura, Feminino, Bertha Mason, Charlotte Brontë.

INTRODUÇÃO

Em meio ao universo acadêmico, especialmente nos trabalhos voltados para a literatura, é possível encontrar discussões sobre diversos temas sociais, dentre tais, o papel da mulher e do negro na sociedade tem grande destaque. Em se tratando dos estudos femininos, geralmente, são associados a estes, questões como: independência, silêncio, espaço e loucura.

Apesar de ser um traço que faz parte da sociedade desde os seus primórdios, a loucura foi por muito tempo ignorada pela sociedade, tanto em relação ao seu reconhecimento quanto em relação a sua aceitação, desenvolvimento de tratamentos, bem como de estudos médicos e sociais. Ademais, este foi um tema tratado de modo periférico, sem a devida atenção que alguns problemas de saúde foram e são tratados.

Contudo, dentro do âmbito filosófico, Michel Foucault (1926-1984) é um dos grandes representantes dos estudos acerca da loucura; através da sua obra “A história da loucura”, pode-se ter um aprofundamento de tal temática na sociedade ao longo da história. No campo literário, alguns autores abordaram em suas obras esta temática, como Machado de Assis, Lima Barreto, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Shakespeare e muitos outros.

Assim, objetivamos com este trabalho, fazer uma análise da loucura na obra Jane Eyre, da escritora Charlotte Brontë. Especificamente, observaremos o modo como a personagem Bertha

¹ Licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestra em Letras; linha de pesquisa: Texto literário, crítica e cultura, pelo Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Mason, considerada como louca, é apresentada dentro da obra e como é vista pelas demais personagens do romance; observaremos também como sua loucura é retratada, atentando para os elementos que findam diagnosticando tal doença.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Esperamos, assim, contribuir para com uma nova perspectiva a respeito da personagem Bertha Mason no âmbito dos estudos literários e também para com os demais relacionados à mulher na sociedade. Além disso, almejamos fortalecer discussões relacionadas à Jane Eyre, obra consagrada do século XIX.

A QUE LUGAR PERTENCE O LOUCO?

O homem e suas particularidades é um tema que vem sendo discutido desde que o ser humano bebeu na fonte da consciência do seu eu e do seu lugar no universo. Ademais, na medida que a ciência e o homem evoluem, as indagações acerca da subjetividade humana se tornam mais frequentes e adentram em uma profundidade cada vez maior. Dentre as esferas de pesquisas que exploram o interior do mesmo, pode-se dizer que a psicanálise é a área que examina o homem em seu interior e apresenta respostas para o seu comportamento e emoções, apresentando, geralmente, um panorama desde a fase infantil à idosa.

Apesar da psicanálise ocupar um papel central nos estudos sobre o homem, outras áreas se dedicam ao estudo do mesmo objeto, todavia, com enfoques distintos. Dentre tais, podemos citar a psicologia, filosofia, sociologia, as quais se dedicam a estudar a intimidade do homem em seu interior e exterior, tomando como fator significante as instituições sociais e o universo que rodeia o homem.

Todavia, mesmo tendo sido o centro de profundos debates socioculturais e da área da saúde, alguns temas levaram um grande percurso até serem vistos como assuntos de relevância para a sociedade como um todo. Assuntos como loucura e sexualidade foram postos de lado na sociedade por diversos motivos, em parte, por crenças e conservadorismo de líderes sociais. Destarte, focalizaremos apenas no desenvolvimento da loucura por se tratar do principal tema deste trabalho.

Apesar de se fazer presente na vida do homem desde os primórdios, assim como doenças comuns, a loucura foi ignorada enquanto um assunto que merecia atenção, tanto em se tratando de desenvolvimento de tratamento, quanto de pesquisas na área científica.

É no período da renascença, de acordo com Foucault, que se pôde ter uma visão maior acerca do louco na sociedade, assim como a respeito da lepra e das doenças venéreas. Segundo o autor o ritual da igreja de Viena pregava que doenças como estas, refletiam, na verdade, uma graça divina,

a qual estava permitindo que o homem pagasse em vida pelos males por ele provocados (Cf. Foucault, 1978, p. 10). Não apenas, pregava que estes doentes deveriam vivenciar o abandono, pois esta seria uma forma de salvação e comunhão.

Muito embora essa crença passe por mudanças ao longo do tempo, vindo os doentes a ser estabelecidos em hospitais, os loucos foram excluídos da sociedade durante muitos anos; eles não possuíam os mesmos direitos que as pessoas sãs, sendo tratados, muitas vezes, como bobos da corte, mendigos e até mesmo como pessoas invisíveis.

Foi-se instituído, a princípio, como destino e tratamento dos insanos a invenção da *Nau dos loucos*, a qual funcionava mais como um meio para a sociedade se livrar dos mesmos, pois, com isto eles tinham sua existência limitada a flutuar em navegações pelo mar. Segundo Foucault (1978, p. 16)

[...]confiar o louco aos marinheiros é com certeza evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter a certeza de que ele irá para longe, é torná-lo prisioneiro de sua própria partida. Mas a isso a água acrescenta a massa obscura de seus próprios valores: ela leva embora, mas faz mais que isso, ela purifica. Além do mais, a navegação entrega o homem à incerteza da sorte: nela, cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último.

Desta forma, os loucos eram entregues a um destino incerto, o qual, na maioria das vezes, a vida deles era ceifada por condições quase que desumanas, pois, as navegações eram precárias em vários pontos: não havia conforto para que homens e mulheres dormissem ou descansassem; não havia comida e água suficiente para estes; o número de pessoas na tripulação era excessivo. Não apenas, os navios não gozavam de higienização, vindo muitos loucos a falecer de doenças físicas. Além disso, após determinado tempo de navegação os doentes mentais eram abandonados em terras desconhecidas, abandonados à própria sorte.

Muito embora diga-se que a *Nau dos loucos* servia como metáfora para que os mesmos encontrassem a si ao renascer no mar, a ideia mais parecia como uma alternativa para tirar os loucos da circulação de cidades, visto que outras tentativas foram feitas para que estes **dementes** desaparecessem, pois “[...] As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos” (FOUCAULT, 1978, p. 13).

Em se tratando de casas de apoio ou como são popularmente chamadas, hospícios, elas demoraram para aparecer nas cidades. Todavia, o primeiro teto para os dementes recolhidos foi a prisão:

Esses loucos são alojados e mantidos pelo orçamento da cidade, mas não tratados: são pura e simplesmente jogados na prisão. É possível supor que em certas cidades importantes — lugares de passagem e de feiras — os loucos eram levados pelos mercadores e marinheiros em número bem considerável, e que eles eram ali "perdidos", purificando-se assim de sua presença a cidade de onde eram originários. (FOUCAULT, 1978, p. 15)

Assim, ficavam juntos os doentes mentais e os criminosos das cidades, sofrendo as mesmas punições e precariedades. Este foi um meio que os administradores encontraram para desocupar as ruas de presenças inconvenientes e, como mostrado pelo autor supracitado, eram repassados como uma espécie de carga para mercadores, os quais soltariam esses loucos em lugares afastados.

Apesar de todo desleixo dos moradores das cidades para com os loucos, estes tinham que lidar com situações ainda mais complicadas, pois além de serem escorraçados e humilhados, eram também torturados em situações similares a da Grécia antiga, servindo como divertimento para àqueles considerados sãos: “[...] Acontecia de alguns loucos serem chicoteados publicamente, e que no decorrer de uma espécie de jogo eles fossem a seguir perseguidos numa corrida simulada e escorraçados da cidade a bastonadas.” (FOUCAULT, 1978, p. 16).

Esse tipo de situação acontecia com os loucos em virtude do que se acreditava envolve-los: a morte. No caso, a loucura nada mais era do que a morte se fazendo presente; nas palavras de Foucault, “[...] A loucura é o já-está-aí da morte. Mas é também sua presença vencida, esquivada nesses signos cotidianos que, anunciando que ela já reina, indicam que sua presa será bem pobre” (FOUCAULT, 1978, p. 21). Sendo assim, não importava muito pelo que o louco passasse, uma vez que ele já não pertencia de todo ao mundo dos ‘vivos’, ele nada mais era do que um sujeito que estava vencido e não havia mais nada a oferecer ou esperar do mundo que ele fizera parte.

Como mencionamos no início das discussões traçadas aqui, o estudo acerca do homem apresenta diferentes vertentes e, portanto, várias hipóteses foram levantadas a respeito dos mesmos. Com a loucura, aconteceu o mesmo. Uma teoria discutida a respeito dela foi que a mesma não se dava por assunto de saúde ou algo do tipo, mas estava intimamente ligado com a moral do sujeito e sua subjetividade. No caso,

O Mal não é o castigo ou o fim dos tempos, mas apenas erro e defeito. Cento e dezesseis dos cantos do poema de Brant destinam-se a traçar o retrato dos insanos

passageiros da Nau: são os avaros, os delatores, os bêbados. São os que se entregam à desordem e à devassidão; os que interpretam mal as Escrituras, os que praticam o adultério. (FOUCAULT, 1978, p. 31)

Destarte, a loucura era considerada como uma fuga ao bom comportamento e às normas da sociedade. Assim, aqueles que transgrediam o que era visto como bom, decente e correto demonstrava que havia algo de errado com eles e, por isso, eram considerados como dementes. Ademais, pode-se dizer que, geralmente, era a família que definia o rumo que o membro insano deveria levar. A título de exemplo, se um esposo-filho fosse alcoólatra ou viciado em jogos e a família sentisse que poderia ser prejudicada pelo comportamento desse membro familiar, ela tinha a autoridade de encaminhá-lo para o local ao qual os loucos pertenciam e eram tratados.

Pode-se dizer que, em se tratando de gênero, o sexo feminino sofreu durante muitos anos com esse parâmetro de loucura instituído pelos líderes sociais e pelas famílias aristocratas. Na história, pode-se observar com recorrência os casos em que as mulheres foram consideradas como loucas ou histéricas, por não se mostrarem como modelos perfeitos estabelecidos por uma sociedade patriarcal. Durante os séculos XVII ao XX, era comum, quando as mulheres não correspondiam ao comportamento esperado para as senhoras de suas épocas (ser passiva, obediente, calma, dócil, boa esposa, puritana, casta) que seus esposos ou pais as trancassem em casa e as mantivessem isoladas para o resto de suas vidas. É por isso que “[...] a idealização feminina, qualquer que ela seja, sempre cumpre a sentença de morte da mulher.” (BRANDÃO, 2004, p. 13).

Assim, em virtude da idealização masculina, em grande parte da história, as mulheres tiveram que se anular para levar uma vida considerada normal e ter direitos mínimos, pois do contrário, elas perdiam o pouco arbítrio que lhes era ofertado com muito custo. Tal era a realidade imposta que a elas cabiam apenas o cuidado do lar, dos filhos e do esposo, o espaço da casa e o silêncio. Enquanto isso, eram proibidas de transitar no exterior de suas casas desacompanhadas de um marido ou irmão; não lhes cabia realizar tarefas ‘importantes’ na sociedade como tratar de doentes e administrar. Ser uma mulher independente era nada menos que uma afronta, impor sua voz demonstrava desequilíbrio. Assim, mesmo discordando de tal destino, elas “aceitavam” a condição imposta; aquelas que enfrentavam e desobedeciam às regras recaía a culpa do desequilíbrio mental. Tal realidade é a que observaremos na próxima sessão do trabalho, onde se apresenta Bertha Mason, uma mulher que, por caminhar de modo distinto do que se espera, passa a ser considerada louca.

A LOUCA DO SÓTON: MULHER OU FERA?

Nesta sessão, nos dedicaremos a fazer uma análise do romance *Jane Eyre*, obra da consagrada escritora Charlotte Brontë. Visamos observar e discutir a respeito da personagem feminina Bertha Mason e sua protagonização enquanto louca na obra, bem como o olhar das pessoas sobre ela e os atributos que a caracterizam como louca na narrativa. A título de resumo, o romance tem como foco as personagens Jane Eyre e Mr. Rochester, destacando principalmente o relacionamento entre elas. Jane Eyre, narradora da obra, nos apresenta a história de uma governanta que se envolve amorosamente com o seu patrão, todavia, a cerimônia de seu casamento é interrompida em virtude de um segredo sombrio: Mr. Rochester é casado e sua esposa encontra-se viva. Esta, vive presa em um quarto secreto na mansão do esposo, sem o conhecimento das pessoas que também residem no mesmo local. Cuidada por uma empregada de confiança, Bertha se vê em uma prisão, da qual, constantemente tenta escapar. São nesses momentos de escape que temos vestígios dessa personagem, contudo, a narrativa constrói um mistério que ronda a mulher louca, mantendo-a quase que invisível na história.

Podemos observar o clima de mistério que permeia a história a partir da primeira ‘aparição’ da personagem insana, o qual permanece em todos os seus passos:

[...] O relógio bateu duas horas, no vestíbulo lá em baixo. Nesse momento senti que tocavam na porta do meu quarto, como se dedos roçassem pelos painéis das portas, tateando um caminho ao longo do corredor escuro. Perguntei “quem está aí?” Ninguém respondeu. Tremi de medo. (BRONTË, 2010, p. 110)

Como apresentado no trecho acima, a caracterização da situação é sombria: o caminho é escuro e metaforizado como longo, podendo simbolizar a vida de Bertha na condição de louca aprisionada, ou seja, uma vida sem cor ou grandes emoções, que parece mais longa do que o comum em virtude de ela não vivenciar qualquer situação comum do dia-a-dia, sendo assim, uma vida enfadonha e depressiva. É interessante observarmos o horário em que se passa a ação descrita, no caso, às duas da manhã. Trata-se um horário incomum para qualquer pessoa transitar pela casa, pelo fato de todos estarem dormindo. Essa informação se torna importante por denotar o espaço de Bertha: durante o dia, o espaço do lar pertence aos sãos, porém, à noite, pertence a esposa louca e assustadora. Há de se ressaltar que a partir do contexto social da época e dos costumes da Inglaterra, país onde ela se encontra, o horário que Bertha escolhe para sair do quarto não é adequado para que uma moça ou senhora transite sozinha - principalmente no escuro. Desta forma, pode-se ter um vestígio de que Bertha não é convencional igual às outras mulheres da sua época.

Um detalhe importante acerca desta personagem é que em momento algum do romance ela faz uso da fala. Como se pode observar no trecho mencionado acima, Jane Eyre pergunta quem está ali, mas ninguém responde. No caso, enxergamos o silenciamento de Bertha dado por dois fatores: por sua condição de esposa, mas principalmente, por sua loucura, uma vez que os loucos não tinham voz e relevância na sociedade. Destarte, a personagem não faz uso da fala, mas o riso a acompanha:

Era um riso demoníaco – baixo, abafado e profundo – articulado, ao que parecia, no próprio buraco da fechadura. A cabeceira da cama ficava perto da porta e pensei a princípio que aquele duende risonho estivesse ao meu lado na cama, ou melhor, agarrado ao meu travesseiro. Levantei, olhei em torno e não vi nada. Enquanto ainda olhava ao redor o som sobrenatural irrompeu outra vez, e percebi que vinha do corredor. Meu primeiro impulso foi levantar e passar o ferrolho na porta. O segundo foi gritar de novo “quem está aí?”. (BRONTË, 2010, p. 110)

Dentre as principais características do louco na história, o riso foi considerado o seu principal traço. Esta característica foi, por muito tempo, atribuída aos doentes mentais, às pessoas transgressoras dos bons costumes, principalmente, às mulheres que não se encaixavam nas regras da sociedade – um exemplo para isto é a representação das bruxas, que na verdade, eram mulheres que praticavam as técnicas medicinais; é a elas destinado o riso estrondoso em toda forma de ficção, seja em livros, jogos ou mídia de tv. Como é possível observar no decorrer da obra *Jane Eyre*, a personagem Bertha não recebe o título de bruxa, mas é representada a partir e outras figuras, como é mostrado na citação acima: ela parece um duende risonho (figura assombrosa em algumas representações da literatura e do cinema). Além disso, o seu riso é adjetivado como algo demoníaco, assombroso, que provoca medo. A representação do duende se torna padrão para fazer menção a louca em outros momentos da narrativa: “[...]. Uma explosão de riso saudou sua entrada. Barulhento no início, e terminando naquele grito de duende – há! Há! Há!” (BRONTË, 2010, p. 152).

Além de assemelhada a um duende, a louca é, constantemente, aproximada a uma figura animalesca, “[...]. Ouvi um som de resmungos e ranger de dentes, como o de um cão.” (BRONTË, 2010, p. 152). Toda a sua expressão é limitada a: gritos, risos, rangidos, urros. Dessa forma, apesar de Bertha ser uma mulher em todas as suas características físicas, ela passara por uma transformação interior, a qual a fez se afastar do ‘comum’ ao ser humano – talvez pelo fato de ela ser isolada da convivência com pessoas e tudo o que a estas está relacionado. Nesse sentido, cogitamos o seu silêncio como uma forma de protesto: se ela não tem contato com pessoas para fazer uso de sua voz, qual o sentido em mantê-la, uma vez que ninguém a escuta ou lhe dirige a

palavra? Não há sentido em manter um comportamento de uma senhora da alta sociedade, já que ela deixou de ser vista assim ao receber um diagnóstico. Deste modo, Bertha se torna o ser (animal), em equivalência com o que ela é vista e tratada:

[...] No fundo do quarto, envolto nas sombras, um vulto caminhava de um lado a outro. Se era uma fera ou um ser humano, não se poderia dizer à primeira vista. Rastejava, de quatro, saltando e rosnando como um estranho animal selvagem. Mas estava coberto com roupas e uma massa de cabelos escuros e emaranhados, revoltos como uma juba, escondia-lhe a cabeça e a face. (BRONTË, 2010, p. 214)

A partir desde fragmento fica claro que Bertha Mason não apenas se comunica como um animal, mas assume suas posturas, seus gestos e o seu semblante: ela não anda sobre duas pernas, mas tal qual os animais, sobre quatro. Ademais, novamente, sua imagem é associada a obscuridade. Os termos utilizados para descrever sua aparição são: sombras, vulto, características típicas do sobrenatural. O lugar que se passa a cena descrita se trata do quarto em que Bertha vive, ou seja, em nenhum lugar da casa ela encontra luz, mas apenas escuridão: o seu quarto é um ambiente funesto, repleto de sombras, simbolizando, assim, a vida dos loucos: sombria, enquanto que a dos sãos é repleta de luz. É interessante destacar que a personagem louca se encontra entre dois mundos: não se pode definir se ela é uma fera ou um ser humano. Trata-se de um corpo feminino, mas que já não tem o aspecto de tal, apenas a roupa traz o reconhecimento de uma mulher. Assim, nesta divisão de mundos, o louco se caracteriza como um ser indefinível, que não pertence a realidade de algo palpável.

Na passagem acima, pudemos perceber a alusão ao animal selvagem direcionada a personagem insana, se aprofundando e acompanhando demais espaços da narrativa, como o que não apenas anda e aparenta como um animal, mas que age como tal:

Ela me mordeu – ele murmurou. – Atacou-me como um tigre, quando Rochester tirou-lhe a faca.
- Você não devia ter se rendido. Devia tê-la agarrado de uma vez – disse Mr. Rochester. (BRONTË, 2010, p. 155)

Nesta passagem, podemos ver claramente o olhar do outro, no caso, do irmão de Bertha sobre ela: um animal selvagem, de força e sem controle. Podemos entender o ataque da mesma, como uma revolta por ter sido abandonada pelo mesmo, o qual permitiu que ela fosse trancafiada e tratada como o animal que ele descrevera. Além disso, pode-se observar o tratamento destinado a Bertha enquanto louca e mulher descontrolada: a força masculina, como modo de assumir o controle, pois

o seu marido mostra como alternativa a dominação sobre ela como algo natural, certamente, devido ao histórico de surtos de sua esposa. Como discutimos na sessão anterior, em seus primórdios, a loucura não tinha um tratamento médico como se tem nos dias atuais, geralmente, os loucos eram apenas trancafiados em casas de cuidado ou nos cômodos de suas casas, no caso de Bertha, ela ainda dispõe de uma cuidadora (Grace Poole) que se dedica unicamente a ela, contudo, essa relação não tem como base qualquer tipo de afeição ou cordialidade:

[...] E como está hoje o seu fardo?
- Tolerável, senhor, obrigada. [...] – Está um pouco exaltada, mas não raivosa.
Um grito feroz pareceu desmentir essa informação favorável. A hiena vestida ergueu-se e pôs-se de pé sobre as patas de corça. (BRONTË, 2010, p. 214)

No diálogo que se passa acima, nos deparamos com Mr. Rochester perguntando por sua esposa a sua cuidadora, Grace Poole – há de se ressaltar que, neste momento, sua união com a governanta já foi interrompida devido a revelação da existência de sua esposa por um advogado da família. Quando Mr. Rochester pergunta por sua esposa, todos se encontram no quarto da mesma, incluindo Bertha, porém, a princípio, ela é tratada como um ser invisível, pois a palavra não lhe é dirigida por ninguém. Quando Miss. Poole fala a respeito de sua ‘paciente’, ela fala de modo imparcial; sua voz funciona como um intermediador entre os antigos amantes. Todavia, Bertha se faz ser ouvida e notada à sua maneira: através dos gritos e da agressividade, voltando a ser considerada como algo que “[...]. Não faz parte da compreensão humana entender.” (BRONTË, 2010, p. 214).

Dentre os momentos em que se faz menção a Bertha na obra, a próxima passagem é uma das poucas em que se pode ver a mesma realizando alguma ação:

[...] A lunática saltou e agarrou-lhe o pescoço cruelmente, cravando os dentes no seu rosto. Lutaram. Ela era uma mulher possante, quase da altura do marido, e mais corpulenta. Tinha uma força viril, mais de uma vez quase o sufocou, atlético como ele era. Mr. Rochester poderia tê-la acertado com um soco potente, mas não queria bater, apenas imobilizá-la. Por fim, conseguiu segurar-lhe os braços. Grace Poole deu-lhe uma corda e ele os amarrou. Com mais corda, que estava à mão, prendeu-a numa cadeira. A operação ocorreu sob os mais ferozes gritos e os empurrões mais convulsivos. Mr. Rochester, então, virou-se para os espectadores, e olhou-os com um sorriso ao mesmo tempo ácido e desolado. (BRONTË, 2010, p. 215)

Nos referimos a esta passagem como uma das únicas em que ela pratica, de fato, uma ação, devido na maior parte do tempo aparecer apenas relatos sobre ela e seus feitos. Também consideramos o fragmento importante por ser o único em que vemos, de fato, alguém agir sobre Bertha, pois anteriormente, só havia cogitado a opção de se utilizar a força contra ela, mas aqui, podemos ver de

fato o acontecimento. Destarte, é importante salientar que Rochester é um homem forte e possui autoridade para usar da agressividade com sua esposa, vindo a fazer uso da força física e utilizando cordas para detê-la e a manter presa num lugar (sem que machuque as pessoas). A presença da corda foi um elemento bastante utilizado como tratamento para deter os loucos agressivos, sendo atualizado hoje, para as camisas de força.

Quanto a postura ‘masculinizada’ de Bertha, esta só é aceita devido a sua loucura, pois jamais seria permitido no século XIX que uma mulher gritasse, enfrentasse a autoridade do esposo e o agredisse brutalmente. Toda e qualquer mulher que fugisse às normas sociais impostas para o sexo feminino sofreria as consequências. Não cabia a mulher possuir virilidade, mas sim, delicadeza, fragilidade, feminilidade e submissão. Por estas razões, consideramos que a loucura atribuída a Bertha não se dá completa e unicamente a uma patologia, mas como explicação para a sua relutância em ser dominada e seguir o esperado para as mulheres inglesas de sua época. Cogitamos isto com base no relato de Mr. Rochester acerca da sua vida com Bertha quando se tornaram marido e mulher: “[...] Vivi com essa mulher quatro anos, e antes disso ela já havia me submetido às maiores provações. Seu temperamento se exacerbava e se expandia com assustadora rapidez. Seus vícios brotaram e cresceram muito depressa.” (BRONTË, 2010, p. 224). Tal comportamento era inaceitável para uma esposa, principalmente da classe alta, servindo, então, como motivo suficiente para o marido se preocupar acerca de suas faculdades mentais.

Mesmo sendo um motivo relevante para Rochester, o comportamento da esposa não o faz procurar um médico para ver se há algo de errado com ela, mas sim, o seu histórico familiar: “Nunca havia visto a mãe da minha esposa. Achei que estivesse morta. Depois da lua de mel, soube do meu erro: ela era demente e, estava trancada num asilo de loucos. Havia um irmão mais novo... mudo e idiota completo.” (BRONTË, 2010, p. 223). Esta descoberta se torna motivo suficiente para Rochester procurar um diagnóstico para Bertha em função de uma crença do século XIX, a qual se acreditava que na existência de algum doente mental ou de algum familiar com problema de mudez, surdez, cegueira, etc., havia a possibilidade de outros familiares correrem o risco de desenvolver a mesma doença. É por esse motivo que Rochester se revolta ao saber que a mãe de sua esposa é louca: porque tanto ela pode desenvolver a loucura com o tempo, como os seus filhos, netos e assim por diante, somando-se ainda o fato de haver um irmão mudo. Com isso, Rochester busca o olhar de um médico que diagnostica Bertha tanto por seu histórico familiar, quanto por suas ações, que já denotam um ‘descontrole moral e mental’.

Deparando-se com a realidade de sua esposa e de seus possíveis filhos, Rochester que havia decidido viver nas terras jamaicanas, onde Bertha residia, decide voltar para a Inglaterra e confinar a mesma a um cômodo secreto, separando da sua imagem, a mancha de uma esposa louca, a fim de manter o seu nome intacto na sociedade. Todavia, mesmo aprisionando ela, Rochester se preocupa para que ela seja bem tratada e tenha os cuidados necessários para uma vida tranquila. Não é à toa que, quando ela incendeia a casa e sobe no telhado, a intenção de seu esposo é salvá-la:

Eu vi, e muitas outras pessoas também viram, quando Mr. Rochester subiu até o telhado, e ouvimos quando chamou “Bertha!” Vimos quando se aproximou dela. Então, madame, ela gritou e deu um salto, e no minuto seguinte estava esmagada no chão. (BRONTË, 2010, p. 310)

Assim, entendemos que apesar de Rochester não reconhecer em Bertha uma esposa, ou até mesmo uma mulher, ele carrega consigo o compromisso de cuidar dela; Contudo, Bertha almeja a sua liberdade, por isso que constantemente ela foge de seus aposentos. Assim, Bertha caminha no telhado encontrando na morte a oportunidade de ser uma mulher livre tanto de corpo quanto de alma.

Finalizamos esta sessão com a convicção de que a loucura é retratada na obra como uma mancha de desonra para a família da classe alta. Não apenas, o louco é visto como um ser que transita entre o mundo humano e o mundo animal, se tornando um sujeito sem definição e também, sem espaço ou voz na sociedade.

CONCLUSÃO

Como se pôde observar no decorrer deste trabalho, a loucura ocupou na renascença e também no século XIX um lugar de desprestígio na sociedade, sendo vista como o atônito da ordem, do correto e do controle. Mais do que isso, foi por muitos anos o título dado àqueles que eram inferiores na sociedade ou transgressores dos bons costumes: adúlteros, bêbados, desempregados, ateus, dentre outros.

De acordo com a discussão traçada, as formas de tratamento em seus primórdios se davam de modo quase desumano, onde os doentes mentais eram trancafiados na *Nau dos loucos*, passando o resto de seus dias no mar. Todavia, com a criação das casas de tratamento, os cuidados para com os mesmos ocasionavam em tortura física, sem acompanhamento médico ou mesmo qualquer

conforto; eram trancafiados não apenas os ‘loucos’, mas também, criminosos da sociedade, ficando assim, tumultuados em uma situação degradante.

À mulher, muitas vezes recaía o título da loucura devido ao seu não enquadramento nas regras de comportamento impostas pela sociedade: mãe, esposa e filha perfeita. Desta forma, quando o sujeito feminino não atendia às expectativas de seus esposos e/ou da família ou transgrediam valores, assumindo postura errante, eram trancafiadas no ambiente doméstico por ser consideradas insanas.

Na narrativa analisada, nos deparamos com uma personagem feminina que é banida do convívio social por, após casar-se revelar um comportamento contrário ao que uma dama deveria ter, pois ela grita, tem comportamento instável e faz uso de um vocabulário inapropriado para uma dama do século XIX. Como consequência disso, ela é isolada num quarto, perdendo o contato com as pessoas e o mundo, vindo a ter sua loucura aflorada a ponto de perder sua identidade como mulher e pessoa, uma vez que seu comportamento se torna animalesco. Desta forma, observamos que o tratamento destinado ao louco na narrativa se assemelha ao que Michel Foucault nos apresenta em seu livro “A história da loucura”: o louco trancafiado para não manchar a imagem de uma família, no caso de Bertha, o seu esposo.

Assim, a narrativa nos permitiu adentrar na realidade de um sujeito louco em sua limitação, porém, que não se deixa dominar completamente, o qual luta para fugir do seu destino mórbido, findando por encontrar sua liberdade nas asas da morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre: An Autobiography* – São Paulo: Editora Landmark, 2010.

BRANDÃO, Ruth S; BRANCO, Lucia C. *A mulher escrita* – Rio De Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica* – São Paulo: Perspectiva, 1978